

MEU CORPO
NÃO É
PÚBLICO

Organizadoras

Ana Carolina Machado

Cristiene Ribeiro

Mariana Albuquerque

Naomi Orton

Poliana Monteiro



* MOVIMENTAS *

DIREITO À MOBILIDADE * DISCURSO * GÊNERO *

LETRACAPITAL
EDITORA

ISBN 978-65-89925-68-2



9 786589 925682

SEMINÁRIO

*** MOVIMENTAS ***

DIREITO À MOBILIDADE * DISCURSO * GÊNERO *

Copyright © Ana Carolina Machado, Cristiene Ribeiro, Mariana Albuquerque,
Naomi Orton e Poliana Monteiro (Orgs.), 2022

*Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei nº 9.610, de 19/02/1998.
Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios
empregados, sem a autorização prévia e expressa do autor.*

Editor

João Baptista Pinto

Fotos da Capa

Michelle Castilho

Diagramação

Julia Amaral

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

S474

Seminário - movimentas - direito à mobilidade [recurso eletrônico] : discurso - gênero /
organização Ana Carolina Machado ... [et al.]. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Letra Capital,
2022.

recurso digital ; 5 MB

Formato: ebook

Modo de acesso: world wide web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-89925-68-2 (recurso eletrônico)

1. Transporte urbano - Aspectos sociais. 2. Bicicletas - Aspectos sociais. 3.
Mulheres - Condições sociais. 4. Mobilidade social. 5. Livros eletrônicos. I. Machado,
Ana Carolina.

22-76250

CDD: 388.3472

CDU: 316.344:656.183

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

23/02/2022 25/02/2022

LETRA CAPITAL EDITORA
Tels.: (21) 3353-2236 / 2215-3781
www.letracapital.com.br



SEMINÁRIO * **MOVIMENTAS** *
DIREITO À MOBILIDADE * **DISCURSO** * **GÊNERO** *

Rio de Janeiro

2021

Comissão Organizadora

As organizadoras contribuíram igualmente para essa publicação

Ana Carolina Marques Machado

Cristiene Nascimento Ribeiro

Mariana Imbelloni Braga Albuquerque

Naomi Orton

Poliana Monteiro

Apoio e realização

ieahu Instituto de
Estudos Avançados em Humanidades



eau.
escola de
arquitetura
e urbanismo
universidade
federal fluminense

PPG



UFF





Esta publicação se dedica à memória de Marina Kohler Harkot, participante do seminário “MovimentAS” realizado no Rio de Janeiro em 2019. Socióloga, ativista e pesquisadora de mobilidade urbana e gênero, seu senso de engajamento coletivo, bem como sua vontade de compartilhar conhecimento, construindo colaborações transdisciplinares, marcaram aquelas que tiveram o privilégio de conhecê-la no transcórre do evento.

Doutoranda na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, onde desenvolvia pesquisa na área de planejamento urbano e regional, Marina tinha a bicicleta como principal meio de transporte. No dia 08 de novembro de 2020, Marina foi atropelada e morta enquanto pedalava para sua casa na cidade de São Paulo. Ela tinha 28 anos. Sua trágica e precoce morte levou a diversas mobilizações pelo país, atestando o alcance da rede que a jovem pesquisadora vinha estabelecendo.

Apesar de muitas das autoras deste conjunto de trabalhos pertencerem a campos de saber convencionalmente isolados e distintos do campo de Marina, compartilham um ideal: a construção de cidades mais humanizadas. A pesquisa de Marina foi brutalmente interrompida, assim como a vida dela. Os trabalhos aqui apresentados se inserem na busca da qual a doutoranda fazia parte e lançam um olhar crítico para a violência da qual ela foi vítima.

Marina segue presente, com seu legado repleto de caminhos abertos a serem trilhados por jovens pesquisadoras e ativistas, por cidades mais justas, contra a desigualdade de gênero e em defesa da mobilidade ativa.

MARINA PRESENTE!

SUMÁRIO

Apresentação	6
Reflexões de Jurema Constâncio	13
Autonarrativa como prática de agenciamento: Dona Penha e o processo de construção de si como sujeita política	
<i>Luiza Freire Nasciutti</i>	<i>16</i>
Belas, viajantes e do mundo: Uma análise sobre o perfil da mulher viajante e a incidência de casos de violência em viagens	
<i>Leticia da Silva Faria e Rita Gabriela Araújo de Carvalho</i>	<i>35</i>
Cidade-cárcere: (i)mobilidades nos territórios prisionais cariocas	
<i>Malu Stanchi</i>	<i>51</i>
Lazer e trabalho na vida das mulheres: Existe o lugar público do ócio para elas?	
<i>Isabela Rapizo Peccini</i>	<i>66</i>
Reflexões de Maria da Penha Macena	88
Compreendendo o deslocamento feminino: Uma revisão	
<i>Juliane Érika Cavalcante Bender e Carlos David Nassi</i>	<i>92</i>
Violências, sociabilidades e resistências: Uma etnografia do vagão rosa no sistema metroferroviário do Rio de Janeiro	
<i>Débora Dornelas Câmara Sobral e Patrícia Silveira de Farias</i>	<i>109</i>
“Vamos juntas”: Um convite para caminharmos juntas	
<i>Gabriela Neves Rodrigues da Silva</i>	<i>125</i>
Mobilidade e feminismo, território e subjetividades: ideias por Marina Kohler Harkot	
<i>Paula Freire Santoro, Larissa Lacerda e Letícia Lindenberg Lemos</i>	<i>143</i>

APRESENTAÇÃO

A mobilidade urbana coloca-se como um dos grandes problemas de um mundo em crescimento exponencial da população das grandes cidades. Essa mobilidade, contudo, não se dá da mesma forma para todos os corpos que transitam ou tentam transitar a cidade, sendo a própria mobilidade um locus de reiteração de eixos de exclusão e estruturas de opressão das urbes contemporâneas. O Seminário Interdisciplinar MovimentAs – direito à mobilidade, discurso e gênero, realizado em março de 2019, buscou, no entrecruzamento dos pensamentos sobre mobilidade, gênero e direito à cidade, abrir um espaço para a discussão dos deslocamentos urbanos frente aos projetos excludentes de cidade. E articulando áreas diversas de conhecimento, debater sobre a construção física, jurídica e discursiva da mobilidade na cidade a partir de epistemologias criticamente situadas para propor a construção de um pensamento coletivo que ultrapasse as fronteiras aparentemente intransponíveis para outras cidades possíveis.

Dentre suas diversas pautas, o feminismo busca repensar o espaço público para que corpos diversos possam se mover nele de modo igualitário. Sendo assim, mobilidades feministas contribuem para a desnaturalização das barreiras atuais que decorrem das desigualdades de gênero a fim de reimaginar os deslocamentos, sejam estes no meio urbano, sejam no atravessamento de fronteiras mais distantes. A centralidade dessa questão na contemporaneidade tem produzido um número crescente de movimentos sociais engajados na luta pela mobilidade, suscitando a questão de saber se sujeitas diversas encontram voz em meio a esses grupos e se suas práticas fomentam a construção de mobilidades mais libertárias. A partir do pressuposto de que tanto o gênero, como o espaço social são produções sociais, passíveis de mudanças, esta temática pretende reunir trabalhos preocupados com os movimentos sociais contemporâneos no contexto da mobilidade, bem como sua interseção com os estudos de gênero.

O MovimentAs foi uma iniciativa discente de alunas da pós-graduação da PUC-RJ do GrP/CNPq NAVIS (Narrativa e Interação Social) e do grupo de pesquisa Gênero, Democracia e Direito, contemplado pelo Edital IEAHu para apoio financeiro a eventos de natureza interdisciplinar, de pequeno e médio porte, propostos por discentes da PUC-Rio. O seminário foi construído em parceria com o Grupo de Pesquisa Grandes Projetos de Desenvolvimento Urbano do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Fluminense (GPDU/PPGAU/UFF) e outros núcleos de pesquisa de diversas universidades.





Foto: Michelle Castilho

GRUPO I

MOBILIDADE, GÊNERO E O DIREITO À CIDADE: TRABALHO, MORADIA E LAZER

A noção de “direito à cidade” tem centralizado a crítica contemporânea à desigualdade de acesso à estrutura urbana, onde o tema da mobilidade representa reflexão indispensável. Entretanto via de regra essa crítica adota como base um sujeito abstrato, sem sexo, sem cor e sem classe. Nesse sentido, dada a complexidade que envolve as desigualdades, qual seria o paradigma de efetivação do “direito à cidade” para as mulheres? A invisibilização programática da existência das mulheres e o desprestígio das práticas cotidianas associadas ao feminino reforçam uma posição social que nega o amplo acesso à cidade. Esse processo de periferização territorial e social determina como as mulheres vão acessar os serviços urbanos, como poderão se inserir no mercado de trabalho, de que tipo de educação poderão usufruir, qual tipo de lazer lhes será permitido, e finalmente, como e se poderão se deslocar. Assim, a partir do pressuposto que as desigualdades de gênero se materializam no espaço construído, esta temática pretende reunir trabalhos que busquem uma reflexão sobre o direito à cidade sob a perspectiva das experiências das mulheres.

No artigo *Autonarrativa enquanto prática de agenciamento: reflexões a partir da narrativa de Dona Penha e o processo de construção de si como sujeita política*, Luiza Nasciutti analisa os sentidos presentes nas autonarrativas de mulheres da comunidade Vila Autódromo como processo de subjetivação que atravessa o percurso de construção de si enquanto sujeitas políticas. Destacando o protagonismo de Maria da Penha Macena, liderança comunitária central na luta contra a remoção no Rio de Janeiro, a autora evidencia os anseios, os desejos, os medos e as memórias evocadas na experiência de vida e de luta na Vila Autódromo, como vivências afetivas que ressignificam as mulheres enquanto sujeitas de luta. O artigo destaca ainda a importância da formulação da própria trajetória em contexto de engajamento social e urbano para posicionar as autonarrativas das mulheres enquanto prática de agenciamento que elabora sentidos de equivalência a partir das dimensões de identidade, memória, classe e gênero.

O artigo *Belas, viajantes e do mundo: uma análise sobre o perfil da mulher viajante e a incidência de casos de violência em viagens*, de Leticia da Silva Faria e Rita Gabriela Araújo de Carvalho, aborda o desigual acesso ao turismo entre homens e mulheres, engendrado por uma cultura patriarcal, que coíbe a mobilidade feminina. Segundo as autoras, o setor do turismo possui um grande potencial econômico, que se por um lado tem empregado essencialmente as mulheres, ainda que em geral em cargos subalternos, por outro lado, enquanto produto de consumo, não só foi historicamente associado a estereótipos de masculinidade, como também foi destinado aos homens. A partir de então, as autoras apresentam dados, alcançados através de um formulário virtual respondido por mulheres viajantes ou que se interessam pelo tema, que traçam o perfil das mulheres viajantes e buscam compreender os impactos da violência contra mulher sobre o turismo. Embora o tema venha ganhando visibilidade midiática nos últimos anos, depois de recentes casos de violência e estupro sofrido por turistas e viajantes, que foram veiculados, ainda se apresenta incipiente a produção acadêmica que relaciona o turismo com a questão de gênero, demonstrando a relevância dessa pesquisa.

Em *Cidade Cárcere: (i)mobilidades nos territórios prisionais cariocas*, Malu Stanchi desvela a construção da imobilidade prisional alicerçada nas estruturas racistas e generificadas da gramática colonial. A autora realiza a análise de relatórios prisionais elaborados pela Defensoria Pública do Rio de Janeiro sobre as penitenciárias femininas, demonstrando, a partir da articulação de autoras e autores decoloniais, como a dinâmica prisional reitera as violências sistêmicas de maneira exemplar, condicionando e imobilizando corpos negros femininos para reiterar os padrões de branquitude da cidade.

O artigo *Lazer e trabalho na vida das mulheres: existe o lugar público do ócio para elas?* de Isabela Rapizo Peccini, investiga a vivência das mulheres trabalhadoras terceirizadas da UFRJ na cidade, identificando seus principais conflitos e refletindo sobre a espacialidade do lazer para elas. O lazer é destacado como elemento de vivência cotidiana que é negado às mulheres trabalhadoras da cidade do Rio de Janeiro. De acordo com a autora, relação entre o trabalho, o lazer e a cidade é direta e auxilia na compreensão do padrão desigual do espaço urbano e do planejamento urbano que reafirmam e aprofundam as desigualdades de gênero na cidade. Nesse sentido, o artigo destaca a importância de incluir as mulheres na reflexão sobre a cidade para identificar elementos do espaço patriarcal e com isso construir uma epistemologia feminista para o campo de estudos urbanos e para a prática da arquitetura.



Foto: Michelle Castilho

GRUPO 2

O PROJETO DE MOBILIDADE NA CIDADE PATRIARCAL

A mobilidade é essencial para a reprodução da vida social. Sendo assim, não é surpresa que o planejamento urbano seja feito por homens e para homens. A cidade é construída de forma desigual propositalmente e a falta de mobilidade é funcional para o sistema racista, patriarcal e capitalista. As mulheres em movimento são essencialmente transgressoras. O espaço da cidade construído e reconstruído nos últimos séculos reafirma o projeto de cidade patriarcal, e a imobilidade das “invisíveis” no que tange o planejamento da cidade. Nesse sentido, o investimento no transporte pendular casa-trabalho, em detrimento de outros percursos, assim como o corte e o encurtamento de linhas de ônibus demonstram o potencial da mobilidade como pauta para a transformação social. O espaço urbano da Cidade Patriarcal dificulta a mobilidade da mulher, aumentando assim as desigualdades, gerando medo, perda de tempo, violências diárias em longos trajetos, dificuldade de acesso ao trabalho, falta de liberdade. Nesse sentido, essa temática pretende reunir trabalhos que discutam o projeto de mobilidade/imobilidade na cidade patriarcal, e as desigualdades produzidas e reproduzidas nesse contexto.